

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTICA: APRENDIZAGEM
INTEGRAL, SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE

ALESSANDRA COLOMBO ROSSETTO BRONZE

FRATERNIDADE NA EDUCAÇÃO:
O Impacto da Experiência de Fraternidade no Desenvolvimento da
Solidariedade, Colaboração e Empatia nos Alunos do 7º ano do Colégio São Luís

São Paulo/SP

2025

ALESSANDRA COLOMBO ROSSETTO BRONZE

**FRATERNIDADE NA EDUCAÇÃO:
O Impacto da Experiência de Fraternidade no Desenvolvimento da
Solidariedade, Colaboração e Empatia nos Alunos do 7º ano do Colégio São Luís**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação jesuítica: aprendizagem integral, sujeito e contemporaneidade, pelo Curso de Especialização da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora Profa. Dra. Elizabeth Ramalho Soares Bastos

São Paulo/SP

2025

O presente artigo discute o impacto da fraternidade na formação integral de alunos do 7º ano, com foco no desenvolvimento de valores como solidariedade, empatia e colaboração. A abordagem é qualitativa e exploratória, baseada na análise de relatos dos alunos sobre suas experiências em atividades de convivência com idosos, crianças e adolescentes de diferentes realidades sociais e culturais. A pesquisa fundamenta-se na Pedagogia Inaciana, que valoriza a educação para o bem comum, e dialoga com autores como Zygmunt Bauman e Paulo Freire. Os resultados indicam que a prática da fraternidade promove um aumento da empatia e da consciência crítica dos alunos, ampliando sua percepção sobre as desigualdades sociais e o respeito à diversidade cultural. Além disso, os alunos relataram o fortalecimento de habilidades de cooperação e resiliência ao enfrentarem desafios emocionais e práticos durante as atividades. Conclui-se que a fraternidade, quando integrada ao currículo escolar, pode ser uma poderosa ferramenta pedagógica para o desenvolvimento socioemocional e a formação de cidadãos comprometidos com a justiça social e a construção de uma sociedade mais inclusiva.

Palavras-chave: fraternidade. solidariedade. empatia. educação integral. desenvolvimento socioemocional.

Abstract: This study investigates the impact of fraternity on the integral formation of 7th-grade students, focusing on the development of values such as solidarity, empathy, and collaboration. The approach is qualitative and exploratory, based on the analysis of students' accounts of their experiences in activities involving interaction with elderly people, children, and adolescents from different social and cultural backgrounds. The research is grounded in Ignatian Pedagogy, which emphasizes education for the common good, and engages with authors such as Zygmunt Bauman and Paulo Freire. The results indicate that the practice of fraternity fosters increased empathy and critical awareness in students, broadening their understanding of social inequalities and respect for cultural diversity. Additionally, students reported the strengthening of cooperation and resilience skills as they faced emotional and practical challenges during the activities. It is concluded that fraternity, when integrated into the school curriculum, can be a powerful pedagogical tool for socio-emotional development and the formation of citizens committed to social justice and the creation of a more inclusive society.

Keywords: fraternity. solidarity. empathy. integral Education. socio-emotional development.

1. INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea, como descrita por Zygmunt Bauman (2001) em sua teoria da modernidade líquida, é caracterizada por relações sociais efêmeras e instáveis, em que o individualismo e o autocentrismo prevalecem. Nesse cenário, as interações humanas tornam-se cada vez mais superficiais, gerando insegurança e dificultando a construção de laços duradouros e significativos. O conceito de modernidade líquida sugere ainda que a fragilidade nas relações sociais impacta diretamente na forma como os indivíduos se conectam com o outro e com a sociedade como um todo, contribuindo para o distanciamento e a falta de solidariedade entre as pessoas. Diante desse panorama, emerge a necessidade de cultivar valores como empatia, solidariedade e colaboração, fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e coesa.

Em contrapartida a essa fluidez das relações humanas, a Pedagogia Inaciana, proposta pela Companhia de Jesus, oferece uma abordagem educativa que busca a formação integral do ser humano, enfatizando o desenvolvimento de uma consciência crítica, a justiça social e o compromisso com o bem comum. Inspirada pelos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola (1548), a pedagogia jesuíta tem como princípio fundamental a promoção do *magis*, ou seja, o desejo de "ser mais" para "os demais". Esse enfoque educacional visa formar indivíduos que não apenas adquiram conhecimentos acadêmicos, mas que também sejam agentes de transformação social, comprometidos com a construção de uma sociedade mais fraterna e solidária. A Pedagogia Inaciana oferece, assim, um contraponto ao individualismo exacerbado da modernidade líquida, propondo um modelo de educação centrado no serviço ao próximo e na solidariedade (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2021).

O Colégio São Luís, como parte da Rede Jesuíta de Educação, incorpora esses princípios em seu Projeto Político Pedagógico, buscando desenvolver nos alunos uma visão humanista e crítica da realidade. Nesse contexto, a atividade escolhida para análise foi a Experiência de Fraternidade, parte do componente curricular Projeto de Vida, que surgiu como uma iniciativa voltada a proporcionar aos alunos do 7º ano a vivência prática desses valores. Por meio de visitas a instituições que atendem pessoas em situação de vulnerabilidade, como lares de idosos, creches e centros de acolhimento, os alunos tiveram a oportunidade de interagir com realidades socioeconômicas diversas, desenvolvendo a empatia e o senso de responsabilidade social.

A Experiência de Fraternidade teve como principal objetivo retirar os alunos de seu contexto habitual, muitas vezes marcado por privilégios, e colocá-los em contato com

realidades que revelam as desigualdades sociais e as necessidades de muitas comunidades. Ao promover o contato direto com idosos, crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, essa vivência proporcionou momentos de reflexão profunda sobre os valores de solidariedade, colaboração e empatia, incentivando os alunos a questionarem seus próprios privilégios e a assumirem um papel mais ativo na construção de um mundo mais justo.

Dessa forma, este estudo investigou como a Experiência de Fraternidade, realizada com os alunos do 7º ano do Colégio São Luís, contribuiu para o desenvolvimento de valores como solidariedade, empatia e colaboração. O objetivo central foi analisar o impacto dessa vivência na formação dos estudantes, considerando as transformações observadas em suas atitudes, percepções e comportamentos após a participação em contextos sociais diversos. A pesquisa também buscou refletir sobre o potencial das práticas educativas fundamentadas na solidariedade e no serviço ao próximo para o enfrentamento do individualismo, promovendo, assim, uma cultura de cuidado e acolhimento mútuo. Essas práticas estiveram alinhadas aos princípios da Pedagogia Inaciana, que orienta a formação integral dos alunos.

A relevância do estudo residiu na compreensão de como a ênfase na fraternidade, enquanto eixo pedagógico, contribuiu para a formação de sujeitos mais conscientes e socialmente engajados. Em um contexto marcado pela fragmentação das relações humanas, os resultados indicaram que a educação pode desempenhar um papel decisivo na promoção de valores que fortalecem a coesão social e o bem-estar coletivo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste estudo está ancorada em três pilares centrais: a modernidade líquida proposta por Zygmunt Bauman, a Pedagogia Inaciana, e a Cultura de Encontro promovida pelo Papa Francisco, complementada por autores como Paulo Freire e Richard Sennett, que abordam questões relacionadas à educação crítica e ao desenvolvimento das relações humanas em sociedade. Esses conceitos são fundamentais para entender como a prática da fraternidade no ambiente escolar pode influenciar a formação integral dos alunos, promovendo valores como solidariedade, empatia e colaboração.

2.1 Modernidade Líquida e Relações Efêmeras

Zygmunt Bauman, em sua obra *Modernidade Líquida* (2001), descreve a sociedade contemporânea como marcada pela fluidez nas relações sociais e na estrutura da vida cotidiana. Segundo o autor, *"os laços sociais na modernidade líquida são frágeis, como líquidos que se moldam ao recipiente, mas evaporam rapidamente diante de qualquer mudança"* (BAUMAN, 2001, p. 15). Essa fluidez gera uma sensação de insegurança e impermanência, que resulta em relações sociais frágeis, efêmeras e transitórias. Bauman explica que *"a segurança buscada por meio de relações humanas está em constante confronto com a liberdade do indivíduo, resultando em conexões instáveis e voláteis"* (BAUMAN, 2001, p. 21).

Nesse cenário, as interações humanas tornam-se cada vez mais superficiais e utilitárias, voltadas para interesses individuais imediatos, em vez de vínculos duradouros e comprometidos com o bem comum. *"Em uma sociedade líquida, o individualismo é reforçado, e o foco no 'eu' frequentemente ofusca a importância do 'nós'"* (BAUMAN, 2001, p. 34). Essa lógica individualista alimenta uma cultura na qual as pessoas se concentram em suas próprias necessidades e interesses, em detrimento da construção de comunidades sólidas e cooperativas.

A prática da fraternidade surge como uma resposta a essa crise de relações líquidas, oferecendo uma alternativa para a criação de vínculos sociais mais profundos e significativos. Ao promover ações que estimulem o cuidado com o outro e a construção de laços comunitários, a fraternidade se apresenta como um antídoto para o individualismo e a superficialidade das interações contemporâneas. Nesse contexto, o conceito de fraternidade no ambiente escolar é uma maneira de contrapor a tendência de dissolução das relações humanas, incentivando os alunos a formarem conexões baseadas no respeito, na empatia e na responsabilidade mútua.

2.2 A Educação Jesuíta: Pedagogia Inaciana e o Compromisso com a Justiça Social

A Pedagogia Inaciana, desenvolvida pela Companhia de Jesus, baseia-se nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola e propõe uma abordagem educativa que enfatiza o desenvolvimento integral do aluno, contemplando as dimensões acadêmica, afetiva, espiritual e social. Conforme descrito pela Rede Jesuíta de Educação, a missão de todo colégio jesuíta consiste em:

(...) A proposta pedagógica das Unidades Educativas jesuítas está centrada na formação da pessoa toda e para toda a vida; trabalhamos para realizar uma aprendizagem integral que leve o estudante a participar e intervir autonomamente na sociedade: uma educação capaz de formar homens e mulheres conscientes, competentes, compassivos e comprometidos. (PEC, p. 29)

Essa tradição educativa tem como um de seus pilares fundamentais o compromisso com a justiça social, especialmente em relação às pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade. O documento Tradição Viva reforça que a missão dos colégios jesuítas não se limita à formação acadêmica de excelência, mas deve envolver um compromisso ativo com a transformação da realidade social, buscando a inclusão e a dignidade de todos. Entre as Preferências Apostólicas Universais da Companhia de Jesus, uma delas se destaca nesse contexto: “Caminhar junto aos pobres, os descartados do mundo, os vulneráveis em sua dignidade, numa missão de reconciliação e justiça.” (TRADIÇÃO VIVA, 2019, p. 10)

Esse princípio orienta as instituições jesuítas a criarem um ambiente de aprendizado que sensibilize os alunos para as desigualdades e promova ações concretas em prol dos mais necessitados.

Outro conceito central da pedagogia inaciana é o *magis*, que significa:

Significa ‘mais, o maior ou o melhor’, em latim. Na experiência espiritual de Santo Inácio de Loyola, refere-se à atitude de viver e agir tendo em vista a ‘maior glória de Deus’, que é a plena realização da pessoa. Os Exercícios Espirituais têm como pórtico de entrada o texto do Princípio e Fundamento, no qual o fundador dos jesuítas define que toda pessoa humana é criada para Deus e só encontra felicidade completa em Deus. Inácio conclui que, por isso, devemos escolher somente o que MAIS nos conduz a alcançar esse fim, deixando de lado os apegos desordenados a tudo o que nos afasta dele. Na Pedagogia Inaciana, diz respeito ao máximo que a pessoa pode atingir, tendo em vista seu contexto, características, habilidades e experiências. (PEC, p. 73)

Esse conceito do *magis* também se manifesta de maneira especial na formação de lideranças inacianas, que visa educar para o serviço generoso e transformador. Nessa perspectiva, quatro pilares se destacam:

- a inventividade, marcada pela indiferença positiva, que impulsiona o líder a não se deter diante dos desafios e a buscar sempre novos caminhos;
- o impulso heroico, que transforma cada conquista em plataforma para outras ainda maiores;
- o amor, entendido como a essência de toda ação, baseando-se no reconhecimento e cuidado com a humanidade; e, por fim, o compromisso com o outro, que conduz à formação de pessoas conscientes das necessidades alheias, competentes no serviço, compassivas nas relações e comprometidas com Deus, com a vida e com a justiça.

Assim, o *magis* não se limita à excelência individual, mas se desdobra em uma liderança transformadora, orientada pelo amor e pela justiça social.

A Rede Jesuíta de Educação reforça que “a educação inaciana promove a integração entre o desenvolvimento acadêmico e o crescimento humano e espiritual, tornando o aluno agente de transformação social” (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2021, p. 33). O *magis* orienta os alunos a não se contentarem com resultados superficiais, mas a aprofundarem suas ações em prol dos outros, especialmente daqueles que enfrentam desafios sociais e econômicos.

O documento *Tradição Viva* enfatiza que a educação inaciana deve preparar os estudantes para compartilhar a perspectiva da Trindade, olhando para o mundo e procurando torná-lo mais justo e amoroso (TRADIÇÃO VIVA, 2019). Esse olhar exige uma atenção especial às estruturas sociais que perpetuam a marginalização e a exclusão, promovendo um compromisso real com a equidade e a justiça.

A justiça, no contexto da educação inaciana, não é apenas um conceito teórico, mas deve ser vivenciada na prática educativa. Assim, os colégios jesuítas são chamados a integrar em seu currículo ações concretas que envolvam os alunos no serviço aos mais necessitados. Esse compromisso com a justiça é reafirmado no documento: “Os colégios jesuítas estão comprometidos com a justiça” (TRADIÇÃO VIVA, p. 18).

Nesse sentido, a Experiência de Fraternidade se alinha perfeitamente a esses princípios, pois oferece aos alunos a oportunidade de praticar o “*ser mais para os demais*” por meio de ações concretas de solidariedade e empatia. Além disso, o conceito de cura personalis, que consiste no cuidado integral e personalizado do ser humano, é um alicerce fundamental da pedagogia inaciana. Essa abordagem reconhece cada aluno em suas particularidades e promove uma formação que combina excelência acadêmica e compromisso social (TRADIÇÃO VIVA, 2019).

Por fim, a Pedagogia Inaciana compartilha objetivos com o pensamento de Paulo Freire, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento de uma consciência crítica. “Ensinar não

é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1987, p. 47). Dessa forma, práticas pedagógicas que incentivam a reflexão sobre desigualdades sociais, como a Experiência de Fraternidade, preparam os alunos para serem agentes de transformação social. Além disso, a cidadania global é um compromisso que os colégios jesuítas assumem para formar indivíduos conscientes de seu papel na sociedade. Essa formação visa preparar os estudantes para compreender e enfrentar os desafios do mundo contemporâneo, promovendo a interculturalidade e o respeito pela dignidade humana (TRADIÇÃO VIVA, 2019).

Assim, *Tradição Viva* reitera a importância de uma educação comprometida com os mais vulneráveis, assegurando que a excelência acadêmica esteja sempre aliada à promoção da justiça social e ao cuidado com aqueles que mais necessitam.

2.3 Cultura de Encontro e o Diálogo

O Papa Francisco, em sua abordagem sobre a Cultura de Encontro, propõe que a verdadeira transformação social ocorre por meio do diálogo, da escuta ativa e do respeito às diferenças. Ele defende que *"somente quem sabe dialogar pode construir pontes e aproximar-se dos outros"* (FRANCISCO, 2013, p. 115). Para ele, a convivência solidária exige que as pessoas saiam de suas bolhas sociais e se engajem em um diálogo genuíno com o outro.

A Cultura de Encontro surge, assim, como uma resposta ao individualismo exacerbado da sociedade contemporânea. Segundo Francisco, *"o tempo é superior ao espaço. Isso nos convida a aceitar a tensão entre plenitude e limite, dando prioridade ao tempo: o tempo para iniciar processos mais do que para possuir espaços"* (FRANCISCO, 2013, p. 113). Essa perspectiva reforça a necessidade de criar relações que promovam processos duradouros de compreensão mútua, em vez de interações passageiras e superficiais.

No contexto escolar, a Cultura de Encontro ganha materialidade por meio de iniciativas como a Experiência de Fraternidade promovida pelo Colégio São Luís. Essas práticas permitem que os alunos entrem em contato direto com diferentes realidades socioeconômicas, culturais e geracionais, fortalecendo os laços de solidariedade e o respeito à diversidade. Ao visitar lares de idosos, creches e centros de acolhimento, os alunos têm a oportunidade de viver a Cultura de Encontro na prática, experimentando o valor do respeito às diferenças e da empatia como fundamentos para a convivência inclusiva.

Dessa forma, a proposta pedagógica se alinha à visão do Papa Francisco, que afirma: "*Construir pontes e derrubar muros entre pessoas de diferentes realidades é essencial para promover uma convivência mais humana e solidária*" (FRANCISCO, 2013, p. 120). Essa vivência possibilita que os alunos não apenas reconheçam a importância da solidariedade, mas também desenvolvam uma postura ativa na construção de um mundo mais justo e fraterno.

2.4 Paulo Freire e a Consciência Crítica

A educação proposta por Paulo Freire é um ponto central nesta fundamentação teórica. Para Freire, "*ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção*" (FREIRE, 1987, p.47). Ele defendeu que a educação deve ser um ato de libertação e humanização, que promova a consciência crítica dos alunos em relação às realidades sociais e às estruturas de poder que perpetuam as desigualdades. Segundo Freire, "*a educação é um ato de amor, e, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. Não pode fugir à controvérsia*" (FREIRE, 1987, p.109).

Esse pensamento é fundamental para entender o impacto de práticas pedagógicas como a Experiência de Fraternidade, que proporcionam aos alunos a oportunidade de refletir criticamente sobre as condições de vida de pessoas em situações de vulnerabilidade. Ao interagirem com essas realidades, os alunos são incentivados a questionar suas próprias posições privilegiadas e a adotar uma postura ativa na transformação social.

Freire enfatiza que "*a educação não muda o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas mudam o mundo*" (FREIRE, 1987, p. 77). Assim, práticas como a Experiência de Fraternidade estão alinhadas ao seu pensamento, pois promovem a construção de uma visão crítica das desigualdades e incentivam os alunos a assumirem sua responsabilidade na luta por uma sociedade mais equitativa e justa.

2.5 Richard Sennett e a cooperação

Outro autor que contribui para a compreensão das relações humanas no contexto contemporâneo é Richard Sennett, que, em sua obra *Juntos* (2012), discute a importância da cooperação na construção de sociedades mais coesas e saudáveis. Para Sennett, "*a cooperação é, antes de mais nada, uma escuta atenta do outro, um esforço para entender e responder a quem está ao seu lado*" (SENNETT, 2012, p. 45).

Sennett alerta que a cooperação, apesar de ser uma habilidade social essencial, tem sido desvalorizada em um mundo que privilegia o individualismo e a competição. Ele afirma que *"trabalhar junto requer mais do que dividir tarefas; requer a habilidade de construir algo maior em conjunto"* (SENNETT, 2012, p. 58).

No contexto da Experiência de Fraternidade, essa perspectiva é especialmente relevante, pois a prática incentiva os alunos a desenvolverem a colaboração e o cuidado mútuo. Ao participarem de atividades como visitas a instituições de acolhimento e organização de ações solidárias, os alunos têm a oportunidade de praticar a cooperação em um nível prático, aprendendo a valorizar o trabalho em equipe e a importância da solidariedade como fundamentos para o desenvolvimento social.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo utilizou uma abordagem qualitativa e exploratória para investigar o impacto da Experiência de Fraternidade no desenvolvimento dos alunos. A análise de conteúdo foi aplicada aos relatos dos estudantes das cinco turmas que participaram de atividades envolvendo interação com idosos, crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Além disso, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre pedagogia jesuíta, modernidade líquida e consciência crítica para fundamentar teoricamente as práticas pedagógicas observadas. O estudo incluiu também a observação direta das atividades, buscando entender como os alunos interagiram com os diferentes grupos sociais e quais reflexões emergiram dessas interações.

4. RESULTADOS

Os resultados obtidos a partir da Experiência de Fraternidade no Colégio São Luís demonstram que essa prática educacional é capaz de transformar significativamente a visão dos alunos sobre o outro e sobre seu próprio papel na sociedade. Ao participar de atividades em contato com realidades sociais distintas, como lares de idosos, creches e instituições de acolhimento, os alunos relataram diversas mudanças em suas percepções e atitudes.

Um dos principais resultados foi o aumento da empatia. Os alunos destacaram que, ao interagir com idosos que enfrentam abandono e solidão, e com crianças e adolescentes de contextos vulneráveis, compreenderam melhor os desafios enfrentados por essas pessoas. Muitos relataram que passaram a valorizar mais as oportunidades que possuem e sentiram maior responsabilidade em ajudar aqueles que estão em condições menos favorecidas.

Por exemplo, **C.** compartilhou sua experiência:

"Eu visitei a casa Simeão, que é um lar de idosos, e quando a gente chegou lá, os idosos ficaram muito felizes. Fizemos uma roda de conversa e ouvimos as histórias de vida deles. Depois, organizamos uma festa junina com várias barraquinhas, como de doces, bingo, argolas, pescaria, e foi muito divertido. Pudemos ver que eles ficaram muito felizes com isso, e isso nos impactou porque descobrimos como é a vida deles e percebemos que fizemos algo muito positivo para eles."

A prática da solidariedade também se manifestou em ações concretas, como a organização de atividades lúdicas, festas juninas, brincadeiras e momentos de escuta. Esse engajamento reforçou a importância do cuidado personalizado e do atendimento às necessidades específicas de cada indivíduo.

A. relatou sua vivência:

"Eu fui para o Centro de Educação Infantil Quintal da Criança, lá na Sé, uma creche para crianças de 2 a 5 anos. Assim que chegamos, conhecemos melhor os estudantes e explicamos como seriam as brincadeiras. Levamos eles para o parque e brincamos de batata quente e corre cotia. Essa experiência me ensinou muito a aceitar e ver de outro jeito a vida daquelas pessoas; entendi tudo que elas passam e com certeza quero voltar mais vezes."

Além disso, os alunos foram levados a refletir criticamente sobre as desigualdades sociais. Em contato com realidades muito diferentes das suas, como a de crianças em situação de vulnerabilidade econômica ou de idosos sem suporte familiar, os participantes perceberam seus próprios privilégios e começaram a pensar em formas de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa.

Outro resultado significativo foi o desenvolvimento de habilidades de cooperação. Durante as atividades, os alunos tiveram que trabalhar em equipe para organizar eventos e brincadeiras, aprendendo a importância da coordenação e do esforço coletivo para alcançar objetivos comuns.

J. também compartilhou sua experiência:

"Eu fui para o Instituto Santa Fé, que abriga crianças e adolescentes. Lá, nos separamos em três grupos: um de jogos africanos, outro de brincadeiras diversas como esconde-esconde, batata quente, pega-pega, e outro de esportes na quadra. Eles seguem a cultura africana, então tivemos capoeira e instrumentos diferentes que eu nunca tinha visto"

antes. Entrei no tatame para fazer capoeira e achei algo muito diferente. Acho que precisamos conhecer essas culturas, respeitá-las e ver que há muita gente diferente de nós que segue culturas diferentes."

Finalmente, a exposição a diferentes tradições culturais gerou uma valorização da diversidade cultural. Em visitas a instituições que seguem tradições africanas ou que atendem crianças e adolescentes de diferentes origens, os alunos passaram a respeitar e valorizar práticas culturais distintas das suas. Essa experiência fortaleceu o entendimento sobre a importância do diálogo intercultural para uma convivência mais inclusiva.

Esses depoimentos evidenciam o impacto profundo da Experiência de Fraternidade na formação dos alunos, promovendo empatia, solidariedade, reflexão crítica, cooperação e valorização da diversidade cultural. Tais experiências são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

5. DISCUSSÃO

Os resultados encontrados evidenciam que a Experiência de Fraternidade contribuiu diretamente para o desenvolvimento de valores e habilidades essenciais à formação integral dos alunos, conforme propõe a Pedagogia Inaciana. O aumento da empatia observado entre os estudantes reflete os alertas de Zygmunt Bauman (2001), que discute como a modernidade líquida enfraquece os vínculos sociais. A prática da fraternidade, nesse sentido, apresentou-se como um contraponto a essa lógica fragmentada, favorecendo conexões humanas mais autênticas e duradouras.

A conscientização dos alunos a respeito de suas responsabilidades sociais e do reconhecimento de seus privilégios dialoga com os pressupostos de Paulo Freire (1987), que defende uma educação voltada à construção de uma consciência crítica e à transformação da realidade. A reflexão sobre desigualdades e o papel ativo de cada aluno na sociedade alinham-se à concepção freiriana de uma pedagogia libertadora e comprometida com a justiça social.

As atitudes solidárias e cooperativas observadas nas ações práticas dos alunos também refletem o princípio da *cura personalis* da tradição inaciana, que valoriza o cuidado individualizado e a atenção às necessidades integrais de cada sujeito. Esses achados reforçam ainda as ideias de Richard Sennett (2012), que destaca a cooperação como competência central para a construção de uma sociedade mais integrada e resiliente.

Nesse contexto, destaca-se a consonância dos resultados com a proposta de uma Cultura do Encontro, defendida pelo Papa Francisco (2016). Segundo essa perspectiva, o verdadeiro encontro exige mais do que a simples convivência: implica um olhar atento, uma escuta genuína e uma disposição real para se aproximar do outro. Como afirmou Francisco:

“Um convite a trabalhar pela ‘cultura do encontro’ de modo simples, como fez Jesus: não só vendo, mas olhando; não apenas ouvindo, mas escutando; não só cruzando-se com as pessoas, mas detendo-se com elas; não só dizendo ‘que pena, pobrezinhos!’, mas deixando-se arrebatado pela compaixão; e depois aproximar-se, tocar e dizer: ‘Não chores’ e dar pelo menos uma gota de vida [...] Quando vamos pelo caminho cada qual pensa em si mesmo: vê, mas não olha; ouve, mas não escuta; em síntese, cada um vai pelo seu rumo. Por conseguinte, as pessoas cruzam-se entre si, mas não se encontram. [...] O encontro é diferente, como explicou Francisco: ‘Se não olho — não é suficiente ver, não: é preciso olhar — se não paro, se não toco, se não falo, não posso realizar um encontro, não posso ajudar a construir uma cultura do encontro’” (FRANCISCO, 2016).

As vivências relatadas na Experiência de Fraternidade mobilizaram justamente esses gestos e disposições: parar, observar, tocar, escutar e se deixar afetar. A valorização da diversidade cultural e a abertura ao diálogo presentes nas interações realizadas pelos alunos

evidenciam como essa experiência incorporou os fundamentos dessa proposta, promovendo a construção de pontes entre realidades distintas e incentivando o respeito às diferenças.

Os princípios do *magis*, também centrais na tradição inaciana, foram vivenciados de forma concreta, à medida que os estudantes buscaram “ser mais para os demais”, dedicando-se a ações que extrapolaram o campo do conhecimento e alcançaram o compromisso social.

Tais vivências revelam o potencial transformador de práticas educacionais que integram o desenvolvimento socioemocional ao intelectual, superando a lógica individualista predominante na sociedade contemporânea. Por fim, os dados indicam que a Experiência de Fraternidade não se configurou como uma atividade pontual, mas como uma vivência com efeitos duradouros, capazes de impactar a maneira como os alunos compreendem seu papel na construção de uma sociedade mais justa, solidária e inclusiva.

A Experiência de Fraternidade aplicada aos alunos do 7º ano do Colégio São Luís revelou-se uma ação potente na formação socioemocional dos estudantes. A vivência com idosos, crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade possibilitou reflexões significativas sobre privilégios, empatia e desigualdades sociais. Os relatos dos alunos evidenciam mudanças perceptíveis em suas atitudes e olhares, com maior valorização da escuta ativa, do cuidado com o outro e da colaboração como fundamentos para uma convivência mais justa e solidária.

Os resultados apontam que a prática da fraternidade, quando integrada ao cotidiano escolar, fortalece a proposta da formação integral defendida pela Pedagogia Inaciana. Os princípios do *magis*, da *cura personalis* e da justiça social se concretizaram nas ações dos estudantes, que atuaram com responsabilidade e abertura ao diferente. O contato com realidades e culturas diversas ampliou o repertório emocional e relacional dos alunos, favorecendo o desenvolvimento de vínculos mais profundos e o respeito à pluralidade, em sintonia com a Cultura do Encontro proposta pelo Papa Francisco.

Neste contexto, observa-se o quanto iniciativas como essa se tornam essenciais para consolidar uma educação comprometida com a transformação social. O Colégio São Luís reafirma, com esse percurso formativo, seu empenho na construção de uma comunidade educativa que forma cidadãos conscientes, compassivos e comprometidos com o bem comum — um caminho que exige presença constante, aprofundamento contínuo e abertura permanente às necessidades do tempo presente.

6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium: exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. **Cultura do encontro**. L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 37, 15 set. 2016. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html. Acesso em: 8 maio 2025.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **Colégios Jesuítas: uma tradição viva no século XXI- Um exercício contínuo de discernimento**. São Paulo: RJE, 2019.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **Proposta Educativa das Unidades da Rede Jesuíta de Educação Básica**. São Paulo: RJE, 2021.

SENNETT, Richard. **Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação**. Rio de Janeiro: Record, 2012.